

JORNAL DAS SENHORAS.

JORNAL DA BOA COMPANHIA.

Modas, Litteratura, Bellas-Artes e Theatros.

O programma e condições deste jornal encontram-se na ultima pagina da capa.

CHRONICA DOS SALÕES.



Sabendo, leitoras, que este mundo é de continuas compensações, não vos admirareis que na semana finda não houvesse no mundo dos salões a fertilidade de acontecimentos que tivemos para relatar-vos na semana do Carnaval. Acontece sempre que depois da abundância apparece a carencia; e como, felizmente não foi ella tão grande que nos puzesse em torturas para dar-vos algumas noticias, como já por mais de uma vez tem acontecido, dar-vos-hemos conta fiel de tudo quanto conseguimos saber, vêr e ouvir, pois que tal é tão ardua é a nossa tarefa para com vosco; e não sabemos se todas vos estareis dispostas a desculpar-nos ou a admittir nossas desculpas, se em algum domingo recebendo o *Jornal das Senhoras*, não deparasseis logo na primeira pagina com a *Chronica dos Salves*.

Eis ahi pois o occorrido :

No domingo, na Ilha da Pombeba, situada defronte do formoso bairro de S. Christovão, possou-se o dia mais alegre e prazenteiro que imaginar se pôde. Ahi, no meio da mais encantadora reunião, entre o grupo mais formoso de virgens e ajuos, em que os poetas coroados pelas rainhas de amor, exprimião seus sentimentos em versos cheios de inspirações sublimes; no meio das delicadas melodias em que os instrumentos suspiravão ora as doces alegrias do co-

ração ora as lagrimas e soluços pungentes da saudade; festejou-se os annos de uma das mais mimosas flores da nossa elegante sociedade. Foi um dia passado na verdadeira alegria da alma, porque uma terna mãe cercada de seus filhos, rodeada de seus parentes e amigos, deixava pa-tentear toda a doce emoção de seu coração no anniversario natalicio de uma das flores de seu seio : e para que o prazer fosse completo, a bella sociedade musical — *Campezina* — ahi esteve como sempre brilhando muito principalmente quando executou lindos pedaços do *Trovador*. Foi um dia passado rapidamente entre a poesia e a musica, assignalado pela amizade; um dia jámais esquecido, em que um grupo de elegantes e formosas moças reunidas á jovens de principaes famílias, fazião seus pais exultar de alegria, e que os nossos jovens poetas Quintana, Santos Neves e Innocencio Rego colhêrão as mais lindas flores nos vergeis da poesia para ofertar como cultos á deusa da festa, tecendo brilhante grinalda que depositarão na mão do feliz consorte, que nada poupou para que a campestre funcção estivesse completa. Possa o volver dos annos fazer sempre sorrir tão amêno dia, e que sempre a alegria festival corêe de lèda ventura o ditoso porvir.

Da filha a mais carinhosa
Da esposa a mais virtuosa!

No sabbado, 24 de fevereiro, deu a sociedade *Cassino Commercial* o seu segundo baile anniversario, e primeiro da actual directoria, o qual foi muito concorrido. apezar do máu tempo que fazia. A variedade e elegancia dos muitos *toilettes* de apurado gosto avassallados por mimosos semblautes, quaes lindas flores que avassallão a folhagem que as cercão, (e entre elles o da encantadora circassiana da fulgurante estrella, da qual já demos noticia na descripção do ultimo baile da *Vestal*,) tornárão cheia de interesse esta esplendida reunião. O serviço esteve rico e abundante, como cumpria e era de esperar da digna directoria, que teve hem merecidos elogios.

Terça-feira teve logar a primeira procissão de quaresma, a de Cinza, pela Ordem Terceira de S. Francisco da Penitencia, com aquelle esplendor e aceio, que em suas festividades costuma apresentar, pena foi que a chuva viesse entromper o seu tranzito, obrigando-a a recolher-se á igreja do Carmo donde porém, tendo melhorado o tempo, continuou o seu giro annunciado até recolher-se ao templo de que havia sahido. Grande era o numero de ricos e elegantes

anjos, que a acompanhou, um luzido corpo de linha fazia a sua guarda, e numeroso concurso de pessoas de todos os sexos se via nas ruas e casas do seu tranzito.

Na quarta-feira, houve, como é costume, a partida do *Club Fluminense*: e comquanto não fosse, segundo nos disse uma amiga, bastante concorrida em consequencia dos espectaculos que houverão nessa noite nos theatros Provisorio e de S. Pedro, sabemos que esteve a reunião animada e interessante até á uma hora da noite em que se retirarão as familias que havião ahí comparecido.

Hoje 5, deve ter logar a reunião da sociedade *Sylphide*. O conceito desta sociedade e da sua digna directoria nos faz crer que deverá ser brilhante, como sempre, esta interessante companhia; e sendo-nos pois impossivel dar hoje noticias, della nos occuparemos circunstanciadamente no proximo domingo com o mais que chegue ao nosso conhecimento para noticiar-vos.

Aquí, leitoras, suspendemos a narração por falta de assumpto. Adeos.

Alina.

DESCRIPÇÃO DA ESTAMPA.

VESTUÁRIO DE SOIRÉE — Vestido de *moire antique* cor de rosa, saia enfeitada de renda de ponto de Inglaterra e franginhas de seda.

Corpo decotado de veludo preto, com *basquine* de *moire antique* cor de rosa, aberta adiante e talhada no cinto de modo que appareça o corpo de veludo preto; as mangas da *basquine* são curtas enfeitadas de renda, com sob-mangas compridas de filó liso.

Touca de ponto de Inglaterra enfeitada de flores e fitas.

VESTUÁRIO DE ESTAR EM CASA — Vestido de nobreza, saia enfeitada de veludo e botões, corpo afogado, sem *basquine*, cintura redonda; o corpo e as mangas pagode são enfeitadas da mesmas fitas de veludo e botões.

Collarinho e sob-mangas de *quipure*.

JARILLA.

PELA SRA. D. CAROLINA CORONADO.

(Continuado do n. 8.)

VIII.

A sombra do Mouro.

Tendido cayó de espaldas,
Amortecido de espanto,

ROMANCERO.

Era passada uma semana desde que a duqueza herdeira de Silves tenia haver perdido seu ma-

rido, e que o Sr. de Vilhena esperava ter perdido seu filho, quando ambos resolvêrão consolar-se. Não restava duvida de que Roman fôra morto, pois que o seu cavallo acabava de ser encontrado perto do castello com uma espora pendurada ao pescoco, prova inequivoca de que os assassinos havião dado cabo do donzel. O encontro do cavallo foi curiosissimo. Peres viu do alto da torre, uma estrella a vaguear por sobre uma colina, e deu parte deste maravilhoso sue-

cesso aos seus companheiros. Os mais ousados determinarão sair a campo, e encontrarão o cavallo de Roman com a espora, que brilhava ao sol como uma estrella.

— Attentem bem! disse Peres, esse acicate não é o que eu vi a luz do alto da torre. O que eu vi clara e distinctamente, era uma estrella tão grande como a lua, e de uma cor enxofrada... Deos nos tire depressa destas paragens, onde apparecem luzes e sombras que taes.

Seja porém como fór, estrella de primeira ou de segunda grandeza, o Sr. de Vilhena considerou-a como mensageira da morte de seu filho, e a Sra. de Silves como cumprimento do vaticínio que julgou ouvir pela boca das duas cabecas. Fizerão-se as exequias do herdeiro, celebrarão-se algumas missas, resarão por seu eterno descanso a viuva e o pai, e com o previo consentimento de D. Alvaro e de S. A. el-rei D. João, casarão-se os dous doloridos.

Havia o rei promettido dar a Roman o castello de Salvaterra, quando casasse com a duqueza; como porém, já não podesse realizar-se esta promessa no filho, fez sciente ao condestavel o Sr. de Vilhena que podia cumprir-se no pai. A alliança com os portuguezes era naquella conjunctura tão importante que D. Alvaro prestou-se a satisfazer os desejos de Vilhena; emquanto, porém, não se aprromptava o castello de Salvaterra para receber os illustres noivos, forão-lhes destinados aposentos no castellos em que habitava o rei, escolhendo tres quartos no primeiro pizo, onde se recolhêrão suas senhorias pelas onze da noite. Perez tinha sido elevado á cathgoria de primeiro pagem do marquez de Vilhena, e velava naquella noite pelo repouso dos desposados. Estava tudo em silencio. Um candieiro de bronze allumiava com pouca claridade, o primeiro aposento, cuja humidade attrahia as aranhas, que volteavão pelas paredes, produzindo certas sombras capazes de atterrar a que escreve estas linhas, tanto quanto pudêra intimidarao Perez a *sombra do Mouro*. Balanceavão-se as aranhas, e já o pagem começava de pender com somno, quando se ouviu um motim subterraneo... as paredes estalarão... o pagem ergueu-se espavorido... mas tudo tornou a ficar em silencio.

— Este é o Mouro, disse para si o pagem, que sóa dentro das paredes como o caruncho estala dentro da madeira. Não me faltava mais nada senão que o maldito, descendo as pedras, se me atirasse ao cachaço!

Alguns momentos depois sentiu-se tremer o chão, ouviu-se uma pancada a um canto daquella estancia; uma columna de ar que Peres não pôde adivinhar donde veio, apagou a luz, e um terrivel Mouro pareceu rebentar do chão.

— Soccorro! gritou o pagem, e fez tal alarido que obrigou a sair do quarto o Sr. de Vilhena a quem acompanhava, receiando ficar sósinha, a formosa desposada. Ao mesmo tempo accorrerão os pagens com tochas acesas, e todos virão distinctamente o herdeiro de Vilhena, pallido, mas tranquillo, com os braços cruzados no meio do aposento.

— Meu filho! exclamou aterrado o velho noivo.

— Meu marido! bradou D. Ignez, mirando alegre o noivo moço.

— Fúção, berrava o Perez, que não é quem pensão; é a *sombra do Mouro*!

Casos tem succedido na historia dos amores, que háo posto em grande alvorço as regiões da consciencia; mas nunca tão extraordinarios como o de achar-se casado o nobre Sr. de Vilhena com a mulher de seu filho. E' preciso confessar que nunca a impaciencia das viuvias e a precipitação dos velhos em contrahir o matrimonio, acarretou mais funestas consequencias; e eu quizera que isto que refiro, servisse de proveitosa lição para que as viuvias prolongassem o seu nojo alguns dias mais, e para que os velhos tivessem não em seus amirrosos anhelos. Os gritos de Perez alvoração toda a gente do castello, e soube S. A. do apparecimento de Roman.

Apezar de João II ser rei, não era destituido de intelligencia, e em vez de ordenar que se entaipasse, como tinha aconselhado o marquez de Vilhena, a casa onde Roman havia apparecido, chamou-o á sua presença.

— E' verdade que estás aqui por artes do diabo, perguntou S. A. sorrindo, e estendendo-lhe a mão.

— Estou aqui, mas por graça de Deos, redargui o donzel beijando-lha.

E referiu-lhe em breves palayras, quanto lhe havia acontecido, exceptuando porém, o seu encontro com Jarilla e com o Mouro; e concluiu, asseverando que havia entrado no castello pelo subterraneo que lhe indicara um pastor.

— Isso de subterraneo é que eu não vejo lá muito claro, disse o Vilhena.

— O que tu não vês muito claro, redargui o rei, risonho, são as tuas bodas desfeitas com a vinda de teu filho.

— Senhor, tornou sagazmente o cortezão, á igreja é que pertence julgal-o.

— Em quanto porém, consultamos o arcebispo de Toledo, disse o rei com firmeza e resolução, Roman ha de viver com sua mulher legitima no castello que lhe doámos, e do qual tencionamos empossal-o amanhã mesmo. Salvo se a formosa D. Ignez, accrescentou maliciosamente, reparando no interesse com que a portugueza olhava para o seu primeiro noivo, preferir retirar-se a um convento, até que o arcebispo decida!

— Senhor, acudiu D. Ignez, V. A. disse o que deve ser, e a minha vontade é a de V. A.

Ainda bem se não tinhão separado do rei, Vilhena conduziu Roman á sala de armas do castello, e disse-lhe com um furor, que a ironia de D. João tinha exacerbado.

— Temos que bater-nos!

— Com meu pai! exclamou Roman.

— Com meu filho! respondeu o marquez, agarrando em duas espadas e empurrando o donzel para que o seguisse.

— Nunca!

— Cobarde! tens medo de um velho?

— Tenho medo de matar meu pai, redarguiu Roman, contendo-se a custo.

Vilhena levou-o a um aposento apartado, e atirando-lhe com uma das espadas, repetiu :

— Defende-te! defende-te!

— Nunca! tornou o filho, sem levantar a espada.

— Roman! bradou o marquez, defende-te, e como visse a impassibilidade com que aquelle cruzou os braços, acercou-se delle cego de colera, e deu-lhe uma bofetada.

Roman soltou um gemido, e travando furioso da espada, dirigiu-se para o seu contrario; mas de repente deteve-se, e cravando-a com impeto no chão, a partiu em dous pedaços.

— Mate-me, disse, bater-me não posso!

— Miseravel, roubas-mê a minha felicidade!

— Triste de mim! essa felicidade é a minha

maior desgraça! Pai, eu não amo essa mulher, amo outra!

O Vilhena largou a espada, e disse-lhe mais sereno!

— Então desejarías que o arcebispo decidisse em meu favor?

— Não ambiciono outra cousa!

— Respeitarás tua mulher até que o arcebispo resolva o negocio.

— Jura-o pela sua honra.

— Pela minha, não, mas pela tua, redarguiu o marquez, que não queria trocar de falso.

— Pois juro-o pela minha honra!

— Bem, nesse caso, abalemos amanhã para Salvaterra, e cumpra-se a vontade d'el-rei!

(*Continúa.*)

POESIA.

MODINHA.

QUEIXA.

Minha alma em ais se desprende,
Morre em ais tristes endeixas!
Brisa que passas... silencio!
Deixa soltar minhas queixas!

Vi um anjo!... o sol nascia!...
Amei-o!... triste lembrança!
O sol inda não morria!
E já morta minha esp'rança!

Gerado com tanta vida
N'um quêbro do pensamento!
Folha por folha cahida
Murcha.... morta n'um momento.

Brisa que passas, silencio,
Deixa soltar minhas queixas!
Não bejes aquella ingrata,
Não toques suas madeixas!

Não te fascinem seus olhos!
Oh! que morrerás de dor!
Vem co'o sol, e o sol tem vida!
E ella já não sente amor!

Rio de Janeiro.

F. Gomes da Silva.

OS OLHOS DA VIRGEM DE LUTO.

Ninguem sonhou nesta vida,
A alma teve perdida
Uns olhos vendo luzir:
Uns olhos, que matão, ferem,
Que prendem, sômente querem
As fibras d'alma ferir!

Que dão alento matando,
Volvendo já descorando
Como os gorduchos que vi:

Que dizem paixão amor,
Que vivem sempre em langor
Como nos olhos vivi!

São lindos outros não vejo
Matando a vida em desejo,
Queimando com fogo lento:
Não ha: mentira, fugirão..
Os astros lindos luzirão,
Voarão p'r'ao firmamento!



London: Published by G. S. B. & Co., 15, Abchurch Lane, in the City.

De novos mundos descerão,
Brilharão, resplandecerão
No rosto de uma visão :
Imagem loura de amores
Da noite errando aos vapores,
Queimando-me o coração !

Não erão pardos, azues,
Não tinham vestes dos céos,
Se tinham também não sei.
Se tinham da noite a cor,
Não vi : só sei que de amor
Aos astros cego fiquei !

Que olhos, meu Deus, ardentes,
Que brilhos lumes patentes
Me incendiarão de amores !
Luzirão, luzirão n'alma,
Roubarão-me toda a calma
Do livre peito os fulgores !

São lumes grandes, que afagão,
A' vista os outros s'apagão,
Os deixão com luz infinda :
Que n'um momento amortecem,
Já n'un volver enlanguecem
Amortecidos ainda !

Eu amo, eu amo esses olhos
Brilhando entre os abrolhos,
P'ra evital-os alem,
Da vida qual minha vida
Já fraca triste na lida :
— Eu amo a virgem também !

Larangeiras, 2 de Fevereiro de 1855.

Tho. G. Filho.

O CONDESCENDENTE.

PRELEMINAR.

Não é lançando casualmente a vista sobre uma carta geographica, ou lendo de corrida em algum jornal os costumes de alguns povos, que se adquire o verdadeiro conhecimento do mundo ou do que elle encerra. A maior parte das vezes o que mais agrada é a narração dos acontecimentos, e muito mais ainda se estes acontecimentos veem revestidos de algum terrivel especifico. E' porque a imaginação fragil das gentes gosta mais do que está ao de cima das suas forças, e se extasia com o que não pôde alcançar. Esta é a razão porque se procura com tanto empenho, por exemplo, um romance onde esse espirito fortemente socialista de Eugenio Sue symbolisa as desgraças de um povo inteiro, em um judeu que elle faz errar de um a outro lado do globo: onde Alexandre Dumas pune os vicios de uma sociedade demasiadamente rica com a opulencia de um Monte-Christo: onde Victor Hugo manda castigar todo um regimento por um diabo a quem elle chama Ilaun d'Islandia; e em summa onde tantos outros autores sobresahindo ora mais ora menos com o seu genio vastissimamente profundo, cheção a conceber enredos mais ou menos tecidos.

Não quero condemnar os romances, nem todos o devem ser: este é um dos meios reservados para fallar ao mundo e fazer comprehender a cada um desses immensos seres reunidos, compondo o que elles mesmos chamão sociedade, os vicios, as maldades, e as inclinações de cada

um e de cada classe. Não digão ahi que eu estou pregando, porque o não estou, aliás responder-lhe-hei como Necker: Ah! em que tempo eu vim para entreter o mundo de moral e de religião; e que theatro o nosso para uma semelhante empreza!

Houve um tempo em que muito apreciei os romances; essas paginas de acontecimentos imaginados muita influencia tinham no meu espirito. Mais tarde custumei-me a vêr o romance em tudo quanto me cercava, e até na propria natureza. E com effeito, nestes momentos de contemplação, que chamarei recreativa, quantas maravilhas se não descobrem, a que a penna do mais abalizado escriptor nunca poderia chegar? Porque jámais elle pintaria os casos e as figuras com a viveza de côres e saliencia de traços com que as estou vendo! Quando eu comparo o mundo, as diferentes personagens que conheço, sua variedade de costumes, seu trato, seu character e suas inclinações, não componho um romance? E este não é tanto mais apreciavel quanto elle se aproxima da verdade?... E se eu vejo os quadros que um terreno fertil, ou demasiadamente árido me apresenta, comparo sua belleza ou sua fealdade, e gozo das suas delicias ou do seu aspecto repugnante, não leio outra pagina nesse romance que por toda a parte me segue? e se sobre um mar medonhamente encapellado, o meu hatel jogando a capricho das ondas, me faz vacillar e a custo suster-me, em quanto que eu de charuto cerrado entre dentes e as mãos recalçadas no fundo das algibeiras encaro as nuvens donde vejo jorrarem linha,

de fogo que me apresentão a imagem viva do que tantas vezes tenho lido, lindamente poetizado, não terei ainda mais outra pagina do romance maravilhoso e infinito? Oh! então lhe dou eu muito mais valor, porque esse é verdadeiro; então sinto em a alma a verdade da situação..... se a tempestade se aproxima tenho receio, se ella continua desejo a bonança, se estou em uma posição difficil sinto as suas consequências, e gozo com sabor se estou á minha vontade.

Aqui compete exclamar como Carolina Peickler nas suas analogias — «..... Oh! louvemos a Providencia, que no mundo moral como no physico obrou com igual sabedoria e bondade, e poz nos corações da mocidade aquelles vehementes affectos que nos dão assaz força para manter e gozar a felicidade depois de todas as soffridas tempestades.»

O mundo elegante esvoaça sem cessar em volta de um turbilhão de differenças a que elle já está costumado e que quasi já nenhum poder tem sobre o seu moral; muitas vezes eu tenho encontrado esse bonito *fashionable* que se entretém estoicamente mirando uma bagatela, as unhas encravadas na pelle macia e lustrosa como a cutis de uma idealidade, todo perfumado e todo burnido; a sua imaginação não funcionando, porque os traços de seu rosto só mostrão idiotismo, só demonstrão nada! Essa é a morte dos prazeres, com ella virá a morte intellectual, e com esta o espleen ou *anglomaniá* a que os nossos conhecidos d'Albion estão deveras costumados; e tanto, que os effeitos dessas muito frias molestias são por elles pausadamente contados, e a *cura* posta em pratica com todo o sangue frio com que uma pistola pôde funcionar.

E porque? todo esse curso pausado e successivo que deve levar o homem de criança a extravagante, de extravagante a aborrecido, de aborrecido a idiota, e de idiota a... não sei onde!...

E' porque o emprego de seus dias é logo desde

o principio applicado a fragilidades, a illusões, e nada á realidade. E' porque se gosta de vêr o homem dourado, o homem de sotaina borbada, o homem nos vaivens do mundo, e nunca o homem socegado, pacífico, reconcentrado; vivendo com a paz que um bello direito lhe dá a uma fortuna pacificamente ignorada e honradamente despendida. E' porque o homem cultivando lá ao longe as suas terras, administrando sua fabrica, e procurando melhorar qualquer destes dous ramos que constituem sempre a fonte das verdadeiras riquezas do seu paiz; diz-se que elle vive ignorado, triste e degradado: a sua carroagem, ornada de um lindo braço aristocraticamente elegante, não trilha as ruas tortuosas de uma cidade; os seus cavallos não têm a quem mostrar-se orgulhosos com os seus jaezes invernisados e as suas chapas preciosas; e os seus criados deixarão a traça roer as bonitas côres de uma galante libré! Não ha a quem se mostrem estas cousas na vida solitaria, e por isso o homem que assim vive é *infeliz*... Será a vaidade por tanto quem mais domina no homem?..... *Vidis mi fili, quam hoc discrimen patribus inter et statuam!* Não haverá quem se lembre destas palavras de Alexandre VI a seu filho quando viu derrubada a sua estatua?

Mas eu, que devia não entrar em pregações, me parece que alguns passos já caminhei que quasi me aproximão disso..... eu que quero contar um romance, fiz um grande preambulo, preparei tanto o leitor, que a final não sei se a sua attenção ainda estará deste lado; mas não me condemneis por isto, senão eu exclamo como Joanna Gay: — A justiça dos homens, ai! é sem misericordia....

Vou contar pois um romance que muita influencia tem tido no meu espirito. Não vos admireis com isto, porque o meu espirito, apezar de toda a força de que eu o quero revestir, não passa de um espirito de homem..... por tanto eu começo, e cada qual lhe dê o valor, ou faça o juizo que quizer, que o meu está feito.

(*Continúa.*)

VARIÉDADES.

Da influencia da musica.

A musica, cuja historia de todos os tempos offerece uma immensa quantidade de exemplos da sua prodigiosa influencia sobre a civilidade, os costumes, as paixões, as doenças e heroismo militar, é um meio necessario da cultura do homem; a musica associa a educação physica e gymnastica, desenvolvendo nella os órgãos da voz e augmentando a força dos pulmões e do peito, e a educação moral e intellectual despertando em seu coração sentimentos de justiça, amor e benevolencia, e dando á sua intelligencia maior vivacidade. A musica é fiel companheira do ho-

mem, penetra em sua alma impressões profundas, doces e variadas, embelleza sua existencia: favorecido da fortuna multiplica os seus prazeres; infeliz, o consola. A musica allivia o peso dos proprios trabalhos, as viagens penosas dos peregrinos, as desastrosas marchas do soldado, e o torna intrepido na batalha; torna pomposas as festas tryumphaes, e leve aos Céos a homenagem do vencedor. A musica exalta os ritos religiosos e anima a alegria nas festividades. O melhor e mais rico instrumento é a voz da creatura, todos os viventes cantão, assim como todos os passarinhos. A musica é hoje empregada na França, Italia e Suissa como meio poderoso para adoçar os costumes na educação moderna, ella e

um meio precioso para excitar na creatura sentimentos religiosos, para acalmar o caracter e as paixões, para collocar a harmonia entre os pensamentos e os sentimentos, para fortalecer o amor da ordem e do bello, e para animar o instincto do amor patrio.

Do compositor *Fachinetti*.

Etiquetas.

Estas miseraveis formalidades tem muitas vezes produzido não só extravagancias mas até desgraças. — El-Rei de Hespanha Fellype III, convalescendo de uma molestia perigosa, achava-se uma occasião sentado junto de uma chaminé onde tinham accesa tanta quantidade de lenha, que pensou abafar de calor. A sua corpulencia não lhe permittia levantar-se para chamar soccorro; os fidalgos de serviço tinham-se ausentado e os simples domesticos não ousavam entrar na camera. Por fim appareceu junto de El-Rei o marquez de Pobar que sendo mandado apagar o fogo, excusou-se por que isso perencia ao duque de Ussédo. O duque tinha sahido e a chamura augmentava, comtudo El-Rei preferiu sustentar o calor, do que *perder de sua dignidade*; mas ficou com o sangue de tal fórma espantado, que no dia seguinte teve uma erysipela na cabeça, com crescimentos de febre, que o levou.

No reino de Mandoa prohibe a etiqueta a quem quer que seja o tocar na cabeça do príncipe. Um rei de Mandoa tendo cahido em um rio, foi delle tirado por um escravo, que se lançára a nado e o agarrára pelos cabellos. O monarcha apenas tornado a si chamou o que o tinha salvo, perguntou-lhe como ouzára por a mão sobre a cabeça do seu príncipe, e o mandou matar. Tempos depois este mesmo despota, alguma cousa ebrio, deixou-se cahir outra vez em um pequeno rio por onde passeiava em um escaler. Uma de suas mulheres, que o podia salvar, recordou-se da historia do infeliz escravo e teve bastante prudencia para deixar antes morrer o tyranno, do que faltar á etiqueta.

A Rainha de Hespanha, esposa de Carlos II, gostava muito de andar a cavallo. Quiz certo dia experimentar um cavallo novo Andaluz, que boleou-se e lançou-a por terra ficando infelizmente com o pé preso no estribo. O cavallo a levou de rastos sem que alguém ouzasse soccorrela, por formalmente se oppor a isso a etiqueta, pois que é prohibido a todo e qualquer homem,

debaixo de pena de morte, o tocar na perna de uma Rainha de Hespanha. Carlos II que estimava muito sua esposa gritava das janellas do palacio que lhe accudissem, porém a etiqueta retinha os graves Hespanhoes. Comtudo dous cavalheiros decidiram-se a salvar a joven Rainha; e apezar do rigor da lei, um lançou mão das reideas do cavallo e o outro desembaraçou o pé de Sua Magestade, mas recordando-se da pena em que tinham incorrido, por terem violado uma lei tão augusta; aproveitarão-se do alvorto em que tudo ainda se achava para escaparem-se: mas a Rainha pediu e obteve o perdão destes dous culpados.

Quando os côndes de Flandres tomavão conta dos seus estados, o clero, a nobreza, e as camaras das cidades ão ao seu encontro fóra das portas de Gand. O novo conde era conduzido á abbadia de S. Pedro de Mont-Blandin, cujo abbade celebrava pontificalmente a missa, e depois cingia a espada ao novo soberano.

Acabada esta cerimonia, o príncipe ia em grande pompa á Igreja de S. Bavão, alli chegava-se ao altar-mór, prestava juramento a todos os estados de Flandres de bem cumprir os seus deveres, de proteger a Igreja, as viuvas e os orphãos, de manter a paz, os privilegios, as leis e os costumes do paiz; e para dar disso uma prova ia em pessoa tocar *por tres vezes* os sinos da igreja; o que devia ser inteiramente magestoso!

Levavão ao depois o novo conde á grande praça da cidade onde recebia do povo o juramento de fidelidade. O clero, que tinha sujeito estes príncipes á mui baixa condição de sineiros não se contentava em fazel-os tocar só os sinos de S. Bavão. Em todas as cidades e castellanias de Flandres onde fossem pela primeira vez repetia-se a mesma cerimonia, de sorte que quando tivessem percorrido os seus estados devião ser perfeitissimos sineiros.

Não é mà peça!

Entre os Turcos quando o carrasco tem algum paciente a enforcar passeia-o por todas as ruas, e como tem o direito de fazer da primeira parede que lhe convém um logar patibular, ameaça as pessoas ricas de o dependurar ás suas janellas para alegrar os que por ali passarem. Os ricos salvão-se desta ignominia dando dinheiro ao carrasco, e quando este julga que o seu paciente já lhe tem sufficientemente rendido dependura-o ás janellas de algum judeu, que prefere antes estar a ver o semblante de um enforcado do que alargar os cordões da bolsa.

BOLETIM MUSICAL.

Minhas boas e interessantes amigas, quasi que desta vez vos deixo sem este artigo, por falta de materia propria para elle; mas, só para não deixar de vos fallar, escrevi sempre para vos dizer que não se publicou musica alguma nova no correr desta semana, além das *Inspirações das duas Americas*, que annunciou duas lindas polkas novas e de muito gosto. Não sei se realmente o são porque ainda não as ouvi nem vi.

Sinto-me hoje um tanto disposta a censurar-vos por não haver uma só, ao menos, de tão talentosas moças, como todas sois, produzido um pensamento, alguns compassos que se prestassem a uma valsa, algumas harmonias que formassem um romance, uma ballata ou uma modinha, de cujo annuncio nos competiria a honra de ser encarregada neste boletim, que ganharia bastante interesse se um nome de qualquer de vós enchesse uma de suas pinnhas. Mas vós não o quizestes, talvez enlevadas nos pensa-

mentos sublimes da religião, ou preocupadas (quem sabe?) no arraujo dos *toilettes* proprios para assistir ás procissões da presente quaresma. Nem uma noticia, pois, tivemos do mundo musical.

O theatro lyrico deu na semana tres representações, offerecendo aos espectadores — *Arabes nas Gallias* —, *Linda de Chamounix* — e *Trovador*. A segunda destas tres operas, posta em scena pela segunda vez, deu ao theatro uma grande enchente, e a todos os actores que nella entrarão mais uma occasião de serem entusiasmaticamente applaudidos pela excellente intelligencia que derão a todos os pensamentos do autor dessa opera.

Eis ahi, leitoras, tudo quanto occorreu. Espero em Deos que no proximo domingo tenha eu mais vasto assumpto para mimosear-vos tanto quanto desejo e devo como vossa amiga.

Coriça.

Anecdotas.

Ha nas eleições candidatos que comprão votos perguntava ingenuamente uma senhora? Sim, minha senhora, lhe respondeu alguém, e é mesmo hoje muito bom negocio; mas se os candidatos em questão chegam a ser eleitos não guardão por muito tempo a fazenda no armazem; assim que entrão para a camara a revendem com lucro ao ministerio.

Certo individuo, sendo levado perante um tribunal correccional por um delicto de caça e perguntando-lhe o presidente se tinha defensor, responder: — Com effeito, senhor, como só tinha a dizer-vos a verdade, não o trouxe.

Maximas e Pensamentos.

O homem de character até chega a ennobrecer a sua mesma desgraça pela coragem com que a supporta. Tanto a adversidade como a fortuna lhe servem igualmente para sua gloria.

Os serviços já prestados á Patria por um cidadão são a melhor canção d'aquelles que ella deve esperar d'elle no futuro.

Os grandes cargos do Estado não devem ser occupados por sujeitos sem character e de humildes sentimentos, por isso, que nem o Sobe-rano, nem os povos devem ter confiança em homens taes.

Os erros em politica e em diplomacia commettem-se em um momento e não se remedeião em seculos. Quem quer pois os seus negocios bem tratados, deve conhecer bem aquelles a quem os encarrega. O habil diplomata deve ter (além de character) a triplicada vantagem de ser homem de letras, homem do mundo e homem d'estado. Em todos os tempos os homens habeis fizeram mais do que as grandes corporações.

Lucas José d'Alvarenga.

CHARADA.

Ha gente que sendo assim	1
Assim mesmo isto inda faz	1
Sem sentir isso por mim	1

E quanta mocinha

Que o apetece!

— Se até p'ra tél-o

já faz-se prece!

Josefon.



Acompanha este n.º 9 uma estampa com figurinos de *soirée* e de estar em casa.